



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO DE APLICAÇÃO
Professor: Victor Anselmo Costa.
Disciplina: Ciências e Programa de Saúde.
Turmas: 6º ano A, B e C

Olá queridos/as,

Já faz um tempo que não nos encontramos, não é mesmo? Quase um mês atrás tivemos nossa última aula e de lá para cá nossa vida mudou muito: deixamos a rotina que tínhamos de lado e passamos a tentar garantir o *isolamento social*, enquanto for necessário, para garantir a saúde de todos. Eu ainda estou com as cartas que vocês escreveram sobre as paisagens que visitaram uma semana antes de tudo isso começar (lembram delas?). As descrições que fizeram são incríveis – eu agradeço pelos textos de vocês e pela companhia que eles me oferecem nestes dias de afastamento.

Como vocês sabem, ainda não podemos voltar às aulas. Ainda assim, nós, professoras e professores do Colégio, decidimos enviar alguns materiais a vocês na tentativa de não perder o vínculo que estávamos construindo. E não é o caso agora de estarmos tão preocupados com os conteúdos e as notas, afinal, os nossos cronogramas estarão todos bagunçados por mais algum tempo. O que fazer, então? Eu decidi começar com esta carta, contando um pouco sobre o meu isolamento e indicando as leituras que me fizeram lembrar de vocês nestas últimas semanas. No fim, se puderem e quiserem me responder, ficarei muito feliz de saber das suas experiências.

Disse a vocês, no primeiro dia de aula, que gosto muito de ciência e gosto muito de literatura e de fotografia também. Aqui em casa, neste isolamento, tenho tido bastante tempo para estudar, e fiquei as primeiras semanas tentando entender o que estava acontecendo. Lendo as notícias, ouvindo *podcasts* e fazendo muitas perguntas. Foram dias importantes também para conversar com minha família, por ligação, e com meus amigos e amigas. Dá uma saudade danada, mas é o jeito.

Comecei a leitura de um livro novo, chamado *A queda do céu* (2015), escrito por uma liderança indígena brasileira, o Davi Kopenawa (se vocês procurarem o nome dele no *youtube* vão achar muitos vídeos, ele é bem famoso). O Davi é yanomami - essa é a etnia dele - uma população de dezenas de milhares de indivíduos que vivem no norte do país, na floresta amazônica. Ele defende há muitos anos a terra e o direito dos yanomami. Nesse livro ele conta sua história e fala sobre a mitologia dos yanomami e sobre os espíritos *xapiri* que cuidam da floresta. Para os yanomami o céu já despencou um dia, muito tempo atrás, e todos os seres que viviam aqui viraram

imagem dos espíritos e só depois nós, os humanos, viemos; o Davi diz que precisamos tomar cuidado para o céu não despencar de novo.

Eu tô contando isso tudo pra vocês porque tem um trecho do livro que me fez pensar nas nossas aulas de ecologia. Nós estávamos estudando a palavra ecologia desde o primeiro dia de aula e eu disse pra vocês que ecologia é uma ciência. Mas o Davi tem outro jeito de explicar o que é ecologia. Ele diz que a ecologia é uma invenção dos brancos para uma coisa que sempre existiu: o cuidado com a floresta pelos povos indígenas e pelos *xapiri*. Olha só:

Na floresta, a ecologia somos nós, os humanos. Mas são também, tanto quanto nós, os *xapiri*, os animais, as árvores, os rios, os peixes, o céu, a chuva, o vento e o sol! [...] Os *xapiri* defendem a floresta desde que ela existe. Sempre estiveram do lado de nossos antepassados, que por isso nunca a devastaram. Ela continua bem viva, não é? Os brancos, que antigamente ignoravam essas coisas, estão agora começando a entender. É por isso que alguns deles inventaram novas palavras para proteger a floresta. Agora dizem que são a gente da ecologia porque estão preocupados, porque sua terra está ficando cada vez mais quente. (p. 480)

É bastante comum os povos indígenas no Brasil se referirem às pessoas não-indígenas como “os brancos”. No final da carta eu indico pra vocês um vídeo, curtinho, em que o Davi aparece e também um pouquinho da paisagem onde ele vive, sua casa em Watorikî (este último *i* possui um som entre o nosso *i* e o nosso *u*). Eu sugiro pra vocês uma pesquisa sobre o Davi Kopenawa e a terra indígena yanomami, por que essa também é uma pergunta importante pra nós no sexto ano: o que é a ecologia e como ela se relaciona com os povos indígenas?

Tenho pensado muito também nas paisagens e a falta que elas fazem durante o *isolamento social*. Daqui das minhas janelas eu vejo muitas casas - são os meus vizinhos - um pedaço de montanha, um pedaço de céu e um pedaço de Lagoa. Pedacos de paisagem. Por eles o sol entra toda manhã, como agora, e esquento o meu escritório improvisado. E a paisagem de dentro da casa é quase sempre a mesma, mas decidi mudar os móveis de lugar pra variar um pouco. Às vezes me sento em um lugar completamente novo só pra ver como a paisagem da casa fica diferente quando vista dali. Debaixo da mesa, por exemplo, ou em cima do encosto do sofá.

A gente tinha estudado a paisagem como “o conjunto de elementos capazes de serem capturados pelo lance de um olhar”, e então saímos pelo pátio da escola fotografando com os nossos *polaroides (in)visíveis*¹ detalhes das paisagens do Colégio de Aplicação. Depois com a ajuda do

1 Um projeto inspirado no trabalho do artista curitibano Tom Lisboa. Se quiserem relembrar o que são os polaroides (in)visíveis, podem acessar o acervo do artista aqui: <https://www.sintomnizado.com.br/polaroides_cidades.htm>.

livro didático (p. 30) e de uma entrevista do filme *A Janela da Alma* (2001) a gente concluiu que a paisagem também pode ser sonora, isto é, que a gente pode agarrar a paisagem pela orelha, escutando os sons das brincadeiras, dos instrumentos musicais, do vento, dos rios, do mar, dos bichos e das plantas...

Eu gostaria, então, de finalizar esta carta com uma nova pergunta pra vocês. Será que os cenários que imaginamos ao ler um livro, ao ouvir uma música, e estes que encontramos nos *games* e nos filmes, também não fazem paisagens? Quais são as paisagens que a gente consegue ver e ouvir durante o isolamento social? De que maneira a gente pode registrá-las e compartilhá-las?

Tenho uma pista para vocês. Me lembrei dos trabalhos da artista florianopolitana Raquel Stolf. Ela pesquisa paisagens sonoras e como a gente pode registrar seus sons e seus silêncios. Em um dos seus trabalhos, chamado *Panquecas fantasmáticas* (2009), ela decide gravar a paisagem sonora da cozinha enquanto faz panquecas. A barulheira toda foi registrada com um microfone e tá disponível *on-line* no link:

http://www.raquelstolf.com/wp-content/uploads/2009/02/fragmentos_panquecasfantasmaticas_raquelstolf2009.mp3.

Além disso, a Raquel Stolf (2011) criou uma receita-partitura para fazer panquecas fantasmáticas. Junto com a carta envio essa receita como uma inspiração culinária experimental. Percebam que a Raquel utiliza o gravador para registrar o som, mas ela também escreve e desenha para poder contar essa história pra gente.

Gosto do trabalho da Raquel Stolf porque ela nos permite perceber que tem muitas paisagens sonoras em nossa casa e que podemos registrá-las de muitas maneiras...

Bom, esta é a primeira carta que escrevo para vocês nestes meses de isolamento social. Por enquanto, estas não são atividades obrigatórias. É apenas um exercício para continuarmos conversando. Adorarei receber respostas de vocês, se quiserem responder as várias perguntas que fiz, e desejo que estejam bem e com saúde. Sintam-se à vontade para me trazer perguntas novas, curiosidades e novidades que descobriram por estes tempos de março e abril.

Um tchau com muito afeto,
Prof. Victor Anselmo Costa.

Vídeo indicado no texto:

“Davi Kopenawa – Prêmio Itaú Cultural 30 Anos (2017)”:

<https://www.youtube.com/watch?v=S88I3rHPvpQ>.